

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS

Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras

**Programa de Pós Graduação em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas do
Ensino da Leitura e Produção de Textos**

Cintia Cardoso da Silva

**A Importância da Literatura Infantil Indígena em sala de aula: Construindo uma
Educação Decolonial**

Belo Horizonte

2023

Cintia Cardoso da Silva

A Importância da Literatura Infantil Indígena em sala de aula: Construindo uma Educação Decolonial.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao programa de pós graduação em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas do Ensino da Leitura e Produção de Textos, da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para obtenção do título de especialista, sob a orientação do Professor Marcelo Chiaretto.

Belo Horizonte

2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE LETRAS

ESPECIALIZAÇÃO EM LÍNGUA PORTUGUESA: Teoria e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos

ATA DA DEFESA DO TRABALHO DE CONCLUSÃO DA ALUNA CINTIA CARDOSO DA SILVA

Realizou-se, no dia 20 de julho de 2023, às 14:00 horas, de forma remota, a defesa do Trabalho de Conclusão de Curso, intitulado *A Importância da Literatura Infantil Indígena em sala de aula: Construindo uma Educação Decolonial*, apresentado por CINTIA CARDOSO DA SILVA, número de registro 2022659192, como requisito parcial para a obtenção do certificado de Especialista em Língua Portuguesa: Teorias e Práticas de Ensino de Leitura e Produção de Textos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, perante a seguinte Comissão Examinadora: Prof. Marcelo Chiaretto - Orientador, Prof. Alex Fabiani de Brito Torres (UFMG), Prof. Kleber Mazione Lima Ferreira (IFMG).

A Comissão considerou o Trabalho:

Aprovado

Reprovado

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 20 de julho de 2023.

Prof. Marcelo Chiaretto (Doutor)

Prof. Alex Fabiani de Brito Torres (Doutor)

Prof. Kleber Mazione Lima Ferreira (Mestre)



Documento assinado eletronicamente por **Kléber Mazione Lima Ferreira**, **Usuário Externo**, em 26/07/2023, às 11:05, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcelo Chiaretto**, **Professor do Magistério Superior**, em 26/07/2023, às 14:41, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Alex Fabiani de Brito Torres**, **Professor Ensino Básico Técnico Tecnológico**, em 26/07/2023, às 18:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?

[acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0](#), informando o código

verificador **2481127** e o código CRC **F246F753**.

Referência: Processo nº 23072.237916/2023-70 SEI nº 2481127

https://sei.ufmg.br/sei/controlador.php?acao=documento_imprimir_web&acao_origem=arvore_visualizar&id_documento=2678342&infra_sistema... 1/1

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer e dedicar meu trabalho a minha família que sempre me apoiou em meus estudos, em especial a minha mãe que permite que eu tenha uma dedicação ao meu estudo. Ao meu namorado que sempre apoia meus sonhos e ler meus trabalhos com carinho e amor.

Agradeço também ao meu orientador por acreditar em mim, acreditar nessa pesquisa e conseguir ver a importância dela, assim como eu vi. Obrigado pela leitura carinhosa e as orientações, foram de suma importância.

Tenho que agradecer também a Universidade Federal de Minas Gerais, pela oportunidade de continuar meus estudos e ter ganhado uma bolsa, que me permitiram concluir o curso e me dedicar inteiramente aos estudos.

RESUMO

A presente pesquisa surge de vivências de uma professora contadora de histórias, que acredita na importância da literatura e de uma educação que respeite a diversidade. Assim, a pesquisa objetivou investigar contribuições de práticas pedagógicas que utilizem a literatura indígena nas leituras em sala de aula para promoção de uma educação decolonial. A pesquisa utilizou como metodologia uma abordagem bibliográfica, onde se propôs a elaboração de duas oficinas para serem propostas a professores. A pesquisa baseou-se nos seguintes teóricos: Neto (2015); por discutir sobre a perspectiva de educação decolonial no contexto amazônico, Danner, Danner, Dorrico (2021), por conceituarem literatura indígena e suas características, Canizares (2019) e Paula e Calderoni (2016), que dialogam sobre a importância de práticas com a literatura indígena em sala de aula. Os resultados apontam que a inserção em sala de aula da literatura infantil indígena para promoção de uma educação decolonial promove uma ruptura com a construção das histórias coloniais que são repassadas através das gerações, visões reproduzidas desde o período colonial. Através do acesso a essa literatura, as crianças farão rupturas com as perspectivas coloniais sobre sua história, identidade e cultura, fazendo que reflitam. Conclui-se que a presença de práticas pedagógicas que trabalham a literatura indígena se faz de suma importância, no entanto, sabemos que há várias barreiras para uma educação decolonial, assim é necessário professores dedicados e corajosos, que acreditem em fazer uma nova educação.

Palavras Chaves: Literatura indígena; Práticas Pedagógicas; Educação Decolonial.

ABSTRACT

This research arises from the experiences of a storyteller teacher, who believes in the importance of literature and an education that respects diversity. Thus, the research aimed to investigate contributions of pedagogical practices that use indigenous literature in classroom readings to promote a decolonial education. The research used a bibliographical approach as a methodology, where it was proposed the elaboration of two workshops to be proposed to teachers. The research was based on the following theorists: Neto (2015); for discussing the perspective of decolonial education in the Amazonian context, Danner, Danner, Dorrico (2021), for conceptualizing indigenous literature and its characteristics, Canizares (2019) and Paula and Calderoni (2016), who dialogue on the importance of practices with indigenous literature in the classroom. The results indicate that the inclusion of indigenous children's literature in the classroom to promote a decolonial education promotes a rupture with the constructions of colonial stories that are passed on through generations, visions reproduced since the colonial period. Through access to this literature, children will break with colonial perspectives on their history, identity and culture, making them reflect. It is concluded that the presence of pedagogical practices that work with indigenous literature is of paramount importance, however, we know that there are several barriers to a decolonial education, so dedicated and courageous teachers are needed, who believe in creating a new education.

Keywords: Indigenous Literature; Pedagogical Practices; Decolonial Education.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Livro Txopai e Itoha.....	21
Ilustração 2: Livro Kunumi Guarani.....	22
Ilustração 3: Livro Kabá Derebu.....	22
Ilustração 4: Livro Coisa de Índio.....	23
Ilustração 5: Livro memória das palavras indígenas.....	24
Ilustração 6: Livro a pescaria do curumim.....	25
Ilustração 7: Catando piolhos e contando histórias.....	25

SÚMARIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. REVISÃO DA LITERATURA.....	12
2.1 Caminhos para Construção de uma Literatura Infantil Indígena.....	12
2.2 A Literatura como Caminho para uma Educação Decolonial.....	15
2.3 Propostas didáticas para abordar a literatura indígena na sala de aula	18
3. ANÁLISE DOS RESULTADOS	19
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	27
5. REFERÊNCIAS.....	28

INTRODUÇÃO

O presente trabalho surge das inquietações de uma professora contadora de histórias percebendo a necessidade de práticas pedagógicas em sala de aula que reflitam a diversidade presentes nas histórias que chegam às crianças.

A leitura tem um papel muito importante na vida do ser humano. Desde que nascemos fazemos leituras, conforme já apontado por Paulo Freire (2005), leituras essas que partem do mundo ao nosso redor, antes mesmo de lermos as palavras, essas nos permitem conhecer nossa realidade.

Dentro do cenário brasileiro, a literatura foi uma ferramenta de exclusão de diversos grupos sociais, uma vez que a escrita era para poucos e esta não representava a diversidade dos grupos étnicos presente em nosso país. Na atualidade vemos o surgir de diferentes manifestações literárias, sendo uma delas a produção autoral indígena.

Assim, essa literatura produzida por sujeitos indígenas é uma manifestação artística que tem características próprias, trazendo em seu conteúdo a discussão sobre sua cultura, preservação do meio ambiente, respeito aos seres vivos e a forte presença da oralidade representada nos textos, costumes, lendas e mitos. (SANTOS, 2017).

A presença da literatura indígena no ambiente escolar é de suma importância, como estabelecido por meio da lei 11. 645 de março de 2008, tornando obrigatório o estudo da História e Cultura Indígena e Afro-brasileira no ensino fundamental e médio, sendo portanto, uma possibilidade que essa literatura se insira no ambiente escolar. Mas não somente, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) aponta a preocupação com a diversidade, igualdade e equidade, como também com o acesso à cultura indígena nas escolas indígenas, com inserção da história e cultura indígena nos diferentes currículos e suas diferentes manifestações sejam apresentadas aos alunos, inclusive a literatura indígena.

No entanto, como aponta Lopes (2016), essa lei vigora com dificuldades para ser implementada, pois nossos currículos ainda partem de pensamentos eurocêntricos, assim promovendo que o ensino seja feito a partir de uma visão que

nem todos os conhecimentos e culturas possam ser valorizados e reconhecidos no ambiente escolar, construindo o que Santos (2007)¹ define como pensamento abissal.

Partindo de uma perspectiva decolonial de educação (NETO, 2015), na qual, há necessidade de transgredir as teorias construídas a partir da colonização, observarmos a literatura indígena como uma forma de apontar às crianças novas visões de mundo, assim como o próprio pluralismo cultural, a valorização dos povos e novos saberes, ou seja, a construção de pensamentos decoloniais.

Partindo desse contexto, ressaltamos a importância da literatura produzida pelos povos indígenas, como artefato de resistência, através de um instrumento pedagógico que possibilita um olhar às populações indígenas fora do olhar do colonizador. Por meio da escrita é possível o registro da cultura, história e diversidade dessas populações (PAULA, CALDERONI, 2016).

No que envolve o ambiente escolar, vemos de suma importância a inserção dessas obras literárias, não somente em nossas bibliotecas como é garantido no Programa Nacional de Bibliotecas Escolares (PNBE), mas no ambiente da sala de aula, pois, com isso, há a quebra de pensamentos coloniais, como também a valorização da diversidade dos povos pertencentes a nosso país. Não somente, mas a possibilidade da construção de um pensamento pós abissal permitindo que se aprenda com as ideias dos povos do Sul (SANTOS, 2007). Nesse contexto, podemos listar alguns questionamentos que embasaram esse trabalho, no que envolve a utilização da literatura indígena em sala de aula:

- Quais as contribuições de práticas pedagógicas que promovem a inserção de livros pertencentes à literatura indígena, em sala de aula?
- Que mudanças podem ocorrer após o acesso a esses livros?
- Quais as principais dificuldades na inserção e discussão dessa literatura em sala de aula?
- Quais os caminhos possíveis para construção de uma prática decolonial, através da literatura indígena?

¹ As distinções invisíveis são estabelecidas por meio de linhas radicais que dividem a realidade social em dois universos distintos: o "deste lado da linha" e o "do outro lado da linha".

Esses questionamentos surgem por se entender que a escola deve ser um espaço que permita ao aluno compreender a diversidade existente, como também possibilitar a formação de cidadãos que conhecem sua história.

É de suma importância a presença dos povos indígenas representados em sala de aula. Neste contexto, é relevante investigar os professores e sua prática pedagógica, pois eles são essenciais no que envolve o processo educacional e a entrada de novas perspectivas em sala de aula. Partindo dessa reflexões surge o seguinte problema de pesquisa: Quais as contribuições da inserção de práticas pedagógicas em sala de aula que se utilizem da literatura infantil indígena na promoção de uma educação decolonial?

Dentro desse contexto, a presente pesquisa tem como objetivo **Geral**: Investigar contribuições de práticas pedagógicas que utilizem a literatura indígena nas leituras em sala de aula para promoção de uma educação decolonial. Seus objetivos **Específicos** são: Analisar os benefícios dos conteúdos presentes nas literaturas infantis indígenas inseridos em sala de aula. Perceber as principais mudanças de perspectivas, a partir da inserção de livros de literatura indígena em sala de aula. Inquirir sobre as principais dificuldades enfrentadas para inserção e discussão da literatura indígena em sala de aula.

No que envolve a América Latina, local em que o nosso país está inserido, Neto (2015) aponta para um estado de solidão que é histórico pelo processo de colonização, onde ocorreu o silenciamento dos saberes e vivências, ocorrendo a ruptura entre dois mundos: aquele que era o europeu que continha os saberes e o que não continha. Assim, o olhar colonial fundamentou por muito tempo a visão como vemos os povos tradicionais e promoveu a desumanização das populações indígenas, o apagamento de sua história e de seus direitos, o desaparecimento de povos através do extermínio. Isso se reflete no contexto escolar como apontado por Danner, Danner e Dorrico (2021) em que os povos indígenas eram apresentados às crianças como um ser animalesco, bárbaro, seminua, morador das matas, sendo o contrário da civilização, aquele que não era cidadão e civilizado.

A articulação do movimento dos povos indígenas nas últimas décadas, segundo Danner, Danner e Dorrico (2021), promoveu sua retomada enquanto cidadão político, tendo acesso à cidadania, e aos direitos básicos, como a educação e, assim,

a inserção na sociedade ocidental. Esse pertencimento e participação permitiram a aparição de intelectuais e escritores indígenas, promovendo novas compreensões de mundo, escrevendo obras que partem de um relato autobiográfico e de suas memórias, sendo escrito por alguém que vivencia aquilo. Além disso, segundo os mesmo autores, no que envolve a literatura indígena “(...) a intenção central foi exatamente o enfrentamento da visão caricata, preconceituosa, racista e naturalizada, apolítica que foi forjada e justificada em termos da colonização (...)” (p. 240).

Assim a presente literatura adentra a sociedade como uma desconstrução e enfrentamento à visão colonizadora, mas não somente, como um instrumento político pedagógico (PAULA, CALDERONI, 2016), permitindo um novo olhar sobre a diversidade de povos que eram destacados em datas comemorativas.

Ao pensarmos nessa perspectiva no espaço escolar, entendemos como de suma importância a utilização dessa literatura, pois permite que as práticas pedagógicas em sala de aula sejam outras, possibilitando novos olhares sobre a realidade a partir das histórias promovidas por esses livros. No entanto, é de suma importância o professor estar aberto para essas novas perspectivas e saberes pertencentes ao contexto indígena, como também instigar seus alunos para que reflitam sobre as histórias em sala de aula.

2-REVISÃO DA LITERATURA

2.1-Caminhos para Construção de uma Literatura infantil Indígena

Discutir sobre o acesso a novas formas de fazer literatura, é algo de suma importância, principalmente pela necessidade de darmos vozes aos diversos sujeitos que foram apagados da história de nosso país. Quando pensamos no indivíduo que adentra ao espaço escolar, vemos a necessidade de que ele tenha contato com diversos livros e vivencie o mundo da literatura, que represente a história e diversidade de seu povo, pois a literatura é uma arte, que parte de diversos olhares e modos de contar o mundo.

Para se discutir sobre literatura, é necessário que reflitamos um pouco sobre ela. Sabemos que a literatura faz parte da história da humanidade e suas culturas, perpassando diversos momentos e visões de mundo. Segundo Abreu (2005): “A

literatura é uma linguagem específica que, como toda a linguagem, expressa uma determinada experiência humana” (p.9).

Segundo Abreu (2005), os conceitos de literatura foram diversos ao passar dos séculos. Na antiguidade clássica, a literatura se resumia aos textos líricos, épicos e dramáticos. No período medieval, a literatura era conceituada como a gramática. No período romântico as produções literárias eram conceituadas como sendo misteriosas e enigmáticas. Já a literatura contemporânea tem suas definições atreladas a fatores sociais, econômicos, políticos e ideológicos.

A literatura sempre foi uma ferramenta de representar pensamentos, visões, realidades, sendo sempre contextual e histórica. Segundo Lopes (2013) a literatura se caracteriza como pertencente ao campo das artes, onde seu meio de expressão é a palavra, tendo ligação direta à escrita ou ao impresso. Tendo várias vertentes e formas de ser produzida ao longo da história.

Dentro do campo da literatura, temos a literatura infantil, que hoje tem forte presença na vida das crianças e nos diversos contextos escolares e familiares, sendo muito relevante quando pensamos em uma sociedade letrada, pois o contato com livros na infância permite que o indivíduo desenvolva o interesse e gosto pela leitura. Segundo Silva (2009) essa literatura traz uma escrita direcionada a uma faixa etária, permite estimular o imaginário e a compreender conflitos que as crianças tenham. Segundo a mesma autora, a história da literatura infantil inicia no século XVIII com novas concepções sobre a criança, e a construção de um mundo infantil, pois anteriormente a criança convivia na vida adulta, não havendo a concepção de infância.

Vemos que a literatura infantil foi de suma importância, uma vez que permitiu novas narrativas que tivessem atreladas ao mundo infantil e às problemáticas que envolvem a criança. No entanto, essas narrativas se constituíam principalmente de discursos partindo de um olhar das classes dominantes, pois as primeiras literaturas infantis no Brasil eram inspiradas em produções portuguesas. Assim, diversos grupos sociais foram tendo como referências padrões eurocêntricos de realidade e desligamento de sua história, uma vez que as narrativas infantis, estereotipavam os sujeitos indígenas e negros, ou simplesmente excluía sua existência.

A ausência de sujeitos indígenas e negros nas narrativas não se dava somente na literatura infantil, como também na literatura produzida para jovens e adultos, pois

as produções giravam em torno de pensamentos de um determinado grupo social, partindo de perspectivas dominantes.

A invisibilidade não só acontecia dentro da escrita das diferentes literaturas, como também eram excluídos de terem vozes no processo de escrita. Ao pensarmos nos sujeitos indígenas, até pouco tempo atrás não tínhamos nenhuma referência de autores indígenas, não por sua inexistência, mas porque sua literatura não era aceita e reconhecida socialmente.

As primeiras representações indígenas, segundo Canizares (2019), no movimento da literatura indianista, são pertencente ao romantismo no Brasil. Nesse período, representavam os povos indígenas a partir de visões colonizadoras. Em um segundo momento, tivemos o movimento da literatura indigenista, caracterizado como produções literárias escritas por não indígenas, tentando compreender os povos indígenas. Por fim, somente no final do século XX é que vemos o movimento da literatura de autoria indígena sendo visualizado pela sociedade brasileira.

Destacamos, nesse trabalho, a literatura indígena que surgiu entre os anos de 1990 com as mudanças democráticas no que envolve os povos indígenas. Essa literatura se caracteriza pela escrita quase sempre autobiográfica, ou seja, um sujeito indígena escreve sobre sua realidade. Segundo Canizares (2019), é caracterizada como sendo uma literatura diversa em sua essência, pois parte de uma diversidade étnica.

O autor Guiacomo (2020) aponta que as primeiras produções indígenas iniciaram em 1970, no entanto, não eram reconhecidas socialmente. Nos anos de 1980 e 1990, o acesso dos escritores indígenas ao mercado ainda era restrito. Em 1996 Daniel Munduruku publicou o livro – “História de índio”, que deu início à discussão sobre literatura indígena, dando início às publicações infanto-juvenis, surgindo o que atualmente conhecemos como literatura indígena contemporânea. Segundo Diel (2019), a literatura produzida por autores vindos dos povos originários pode ser encontrada em diferentes nomes, sendo conhecida como: literatura indígena brasileira contemporânea, literatura de autoria indígena ou literatura nativa.

O surgimento desta literatura parte principalmente das aldeias, em sua forma oral, sendo anterior a escrita. Com o processo de escolarização garantido pela constituição Federal de 1988, no artigo 210 e luta de organizações e lideranças

indígenas, os povos nativos tiveram o direito de estudar sua própria língua, assim como a língua ensinada no contexto escolar urbano e rural.

Segundo Almeida (2018), a literatura indígena tem um grande papel, uma vez que apresenta as contribuições indígenas que foram minimizadas na história oficial, sendo esquecida a influência dos povos nativos na construção de estradas, cidades e estados, assim como hábitos alimentares, espiritualidade e caráter. E é necessário apontar a importância das obras literárias indígenas estarem dentro da escola, sendo uma forma de aproximação cultural entre os povos, como de valorização dos diferentes sujeitos pertencentes ao contexto escolar.

A literatura indígena produzida para crianças permite que tenham novas visões referentes à história de seu país para que não cresçam com estereótipos determinados, tenham orgulho de sua história que parte dos povos tradicionais para que componham e engrossem a luta conjunta para uma sociedade que valorize as diferenças e que esteja de apoio à luta indígena. Complementando esse pensamento Canizares (2019) afirma: “Dessa forma, possibilitar aos alunos o contato com a literatura de autoria indígena, é permitir o (re)conhecimento do protagonismo nas letras dos escritores indígenas” (p.17).

2.2A literatura como caminho para uma educação decolonial

Ao refletirmos sobre a situação dos povos indígenas no contexto brasileiro, sabemos que por muitos anos tiveram sua cultura e produções apropriadas ou comumente desqualificadas através dos estereótipos de serem povos bárbaros, selvagens ou sem conhecimentos.

A literatura é um ferramenta de representação dos pensamentos presentes em um certo período, no momento em que os povos indígenas eram representados pelas classes dominantes se perpetuava visões desses povos como sendo selvagens e personagens ingênuos.

Essas visões foram fortalecidas por uma história colonizadora contada e construída por europeus, que invadiram o território brasileiro, desumanizando os povos nativos originários e toda sua cultura. Esse processo gerou preconceitos que se enraizaram em nossa sociedade, ocasionando a recusa de sua cidadania, confinamento e esquecimento pelo governo.

Segundo Danner, Danner e Dorríco (2021), nas últimas décadas ocorreu o aumento de produções de conhecimento em cultura e arte indígena. Mas não somente, o reconhecimento de sua cidadania pela constituição e ao acesso escolar, permitindo se conhecer os valores, as práticas normativas que a sociedade expressa, assim, os povos indígenas se colocaram enquanto sujeitos políticos culturais. Segundo esses mesmo autores, a educação formal permitiu que os indígenas construíssem e solidificassem uma “voz-práxis ativista e militante, política e politizante” (p.232). Essa voz seria uma postura de vincular a sua própria voz como forma de autoafirmação de quem se é, de suas experiências e vivências que chegava aos indígenas e era produzida por eles mesmos, sendo reflexiva e crítica.

Na atualidade, essa voz se apresenta em várias práticas culturais, sendo em destaque neste trabalho a literatura indígena. As autoras Paula, Calderoni, (2016) definem a literatura indígena como sendo um artefato social, que retrata a cultura, o pensamento e o modo de vida dos povos indígenas. Essa literatura traz características únicas, dentre elas o seu caráter de resistência política, mas não somente, ela traz uma memória ancestral, que discute sobre a sobrevivência da cultura e da identidade desses sujeitos.

Essa literatura indígena, segundo Danner, Danner e Dorríco (2021) fala da realidade dessas populações, permite a valorização de sua cultura, o diálogo com os intelectuais e lideranças indígenas, permite que se fale das causas indígenas como a luta de terras, a invisibilidade, dentre outros problemas, como também colocar os povos indígenas como protagonistas de suas próprias histórias.

É claro que essa literatura é produzida para ir muito além dos ambientes tribais, mas dialogar com a nova identidade do sujeito indígena que está em constante inserção na sociedade. Assim sua literatura fala diretamente com a sociedade brasileira que não é indígena para que se quebrem preconceitos e haja um reconhecimento das condições e causas indígena no Brasil.

Segundo Danner, Danner e Dorríco (2021), essa prática promovida pela literatura indígena permite a articulação entre a tradição oral, a memória e o registro escrito, assim permitindo a sobrevivência das comunidades indígenas. Mas não somente, permite que haja registros de novos sujeitos que acrescentam na história de nosso país.

No ambiente escolar há a necessidade dessas histórias adentrarem a sala de aula, principalmente nas séries iniciais, onde as crianças estão criando suas percepções sobre o mundo. A implantação da Lei de Diretrizes e Bases para o Ensino Nacional de 1996 (LDBEN), já apontava para a necessidade do ensino levar em conta a realidade dos povos tradicionais. Isso se fortaleceu ainda mais com a lei 11.645/2008 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) e tornou obrigatório o ensino da história e cultura indígena nos anos iniciais e ensino médio. Assim surgindo a necessidade dos educadores pensarem um novo fazer pedagógico que permita novas discussões sobre os povos indígenas.

Esse novo período permite que surjam perspectivas de como se fazer a educação partindo de sujeitos que foram silenciados, sendo necessário pensar em uma educação que seja crítica, que possibilite enxergar o sistema que oprime e desvaloriza, a questionarem sobre os mitos existentes.

É necessário pensarmos na possibilidade de fazer uma educação que possibilite uma luta contra o sistema que oprime grande maioria da população inserida nos grupos de minorias: negros, quilombolas, indígenas, dentre outros. Que esteja em uma relação direta com o povo e que permita a ruptura com a colonialidade, disfarçada de modernidade. Assim apontamos para a perspectiva de uma educação decolonial.

A educação decolonial vai contra os discursos propostos por visões coloniais de educação, possibilitando novas vozes aos cenários de representação. Segundo Neto (2015), a ideia de decolonidade parte do questionamento e da busca de superar as opressões sobre as classes e grupos subalternos que ocorrem pelos agentes de mecanismo de controle. Ou seja, tirar do poder o pensamento colonial, que silencia os saberes presentes na América Latina.

Segundo Neto (2015), o pensamento decolonial permite um conjunto de práticas epistemológicas de reconhecimento das opressões e um novo paradigma de compreensão de mundo, que leve em conta todos os saberes. Nesse sentido apontamos para a ideia de uma pedagogia decolonial (WALSH,2013), que surge como parte da compreensão de uma pedagogia que ocorre dentro das lutas sociais por libertação.

Neste sentido, quando pensamos no ambiente escolar, deve ser pensado que ele tem a finalidade de legitimar todas as formas de saberes, permitindo o que

Santos(2007) define como uma ecologia dos saberes, que legitima a diversidade epistemológica e a pluralidade de formas de conhecimento existentes.

2.3 Propostas didáticas para abordar a literatura indígena na sala de aula

No espaço da sala de aula, existem diversos caminhos para onde podemos conduzir a educação, no entanto, estes têm que entrar de acordo com as necessidades existentes na sociedade brasileira. Nosso país vivência o período de novos olhares e conhecimentos de sujeitos que foram invisíveis em certo período da história, aponta para um momento de discutir sobre diversidade e identidade cultural e étnica presentes no Brasil.

Quando refletimos sobre a proposta de práticas de educação decolonial, é necessário pensarmos em novos jeitos de introduzirmos discussões que se fazem necessárias, que contextualizem a realidades dos diversos povos pertencentes ao cenário brasileiro. Assim, pensar em propostas didáticas se faz necessário para promovermos novos educadores e novas práticas em sala de aula.

Ao pensarmos em formas de introduzir a literatura indígena, o trabalho da autora Canizares (2019) estimula diversas reflexões quando pensamos em propostas didáticas para introduzir as discussões indígenas em sala de aula, um vez que traz 5 oficinas como propostas didáticas para discutir sobre a literatura indígena, não somente com os alunos, mas trazendo reflexões para os educadores.

A autora possibilita pensarmos como caminho metodológico para iniciar em primeiro momento o contato com as literaturas indígenas, através da introdução de oficinas.

A autora Canizares (2019) acredita na necessidade de um aluno leitor, que compreenda, interprete e analise para que sejam construídos novos sentidos e tenham novas contatos com diversas literaturas. Além disso, a autora destaca que o contato com a literatura indígena permite o acesso à memória cultural indígena, à ruptura com estereótipos e à valorização desses povos.

Assim, pensar em práticas que abordem as literaturas indígenas envolve um caminhar por discussões e práticas que partam da reflexão de quem são os povos indígenas, sua cultura e história, fugindo de visões estereotipadas. Assim, a autora Canizares (2019) aponta que um dos principais desafios é a o desconhecimento dos

professores sobre a autoria indígena, assim como os preconceitos enraizados na nossa cultura.

Nesse cenário, surge um desafio para docentes no que envolve a sua formação e o repensar pedagógico que adentre a cultura e a história indígena. No ambiente escolar, sabemos que existem muitas outras vertentes que podem promover esse contato pelos professores sobre os povos tradicionais. Destacamos como de suma importância, o contato com a produção escrita indígena, principalmente nas séries iniciais (Paula, Calderoni, 2016) essas histórias permitem novas perspectivas sobre as crianças, no que envolve a diversidade étnica, reconhecendo a importância da pluralidade dos povos, sem haver processos de hierarquização.

É necessário aos professores que pensam em fazer novas práticas pedagógicas em sala de aula, que partam de perspectivas decoloniais, que sejam pesquisadores de trabalhos e pesquisas que dialoguem sobre essa temática, se atualizando constantemente. Pois, na atualidade, temos diversos autores indígenas que contribuem para descolonizarmos nossas mentes enquanto educadores, dentre eles estão: Daniel Munduruku, Ailton Krenal, Olivio Jekupé, Graça Grauna, Carlos Tiago Hakiy, Ely Macuxi, Eliana Potigua, dentre outros.

3. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Na sessão anterior, conseguimos compreender melhor a discussão sobre literatura indígena e a educação decolonial. Utilizamos como principais fontes os autores: Neto (2015); Danner, Danner, Dorrico (2021), Canizares (2019), Paula e Calderoni (2016) assim, como outros autores que ampliam nossa visão sobre a temática discutida neste trabalho. Propomos para uma compreensão de práticas pedagógicas decolonial a proposta de uma oficina que contribuirá para entendermos como pode se inserir a discussão em sala de aula, dando subsídios para possíveis práticas.

A oficina baseia-se nas práticas desenvolvidas pela autora Canizares (2019), assim como, por vivências com a contação de histórias. A partir dessa oficina analisamos os objetivos propostos em sala de aula. Para compreendermos se o presente trabalho de pesquisa respondeu ao objetivo geral e específicos, faremos a

análise da temática a partir dos possíveis resultados esperados através da aplicação da oficina.

Para que ocorra a inserção da literatura indígena em sala de aula, propomos alguns caminhos que podem ser possíveis dos professores usufruírem para utilizar em suas práticas e assim contribuir para um trabalho com as literaturas indígenas. Assim, são propostas práticas que tragam resultados em sala de aula e na postura dos professores sobre essa temática. Serão apontadas duas oficinas seguidas, que contribuam e trabalhem conceitos como: quem são os povos indígenas, as diferentes moradias, a cultura desses povos e sua ligação e compreensão enquanto sujeitos.

Como a presente discussão, volta-se para a prática com professores do 1º ano do ensino fundamental, preparou-se duas oficinas com caminhos metodológicos lúdicos. Assim, expomos a seguir pressupostos de suma importância com as discussões levantadas nessa pesquisa. A oficina foi elaborada pensada especialmente para as crianças de 6, 7 e 8 anos, assim trabalhamos com dinâmicas que envolvem a leitura, desenho, letramento e o imaginário infantil.

OFICINA 1: Lendo e discutindo sobre os povos indígenas

Objetivo Geral:

Construir conjuntamente momentos de inserção, discussão e valorização dos povos indígenas, partindo de práticas que trabalhem livros da literatura indígena.

Objetivos específicos:

Inquirir sobre as percepções das crianças sobre os povos indígenas representados nos livros antes e depois da oficina.

Verificar como as crianças após as leituras veem as contribuições dos povos indígenas para sua história e contexto.

Analisar como a inserção dos livros de literatura indígena contribuem para o fortalecimento da lei 11.645/2008.

Conhecer a diversidade de povos indígenas e suas diferentes culturas presentes no território brasileiro.

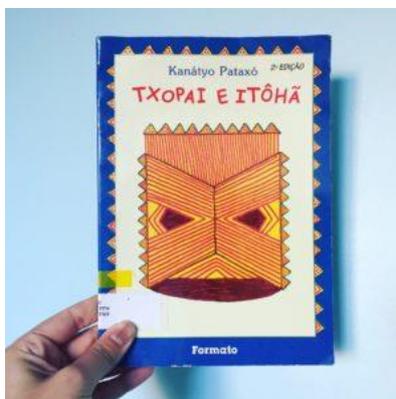
Metodologia

A presente oficina se divide em três momentos intitulados a seguir: acolhimento, momento no qual as crianças irão apresentar suas principais opiniões e saberes sobre a temática; Conhecimento específico, nesse momento as crianças serão convidadas a trabalharem a temática e serão apresentadas às literaturas indígenas; Despedida, momento de socialização e discussão dos novos saberes e mudanças de percepções.

1) Acolhimento: O que sabemos sobre os povos indígenas?

Neste momento as crianças serão convidadas a sentarem em um círculo de diálogo, será apresentada a leitura: Txopai e Itohã (Kanátyo Pataxó), apresentando um mito de origem do primeiro índio Tapaxó. Esse livro trará o questionamento sobre os saberes que os alunos têm sobre os povos indígenas no que envolve: suas origens, locais que moram, como eles são, dentre outros questionamentos. Cada criança irá desenhar suas percepções sobre os povos indígenas e socializará com toda a turma.

Ilustração (1): Livro Txopai e Itoha



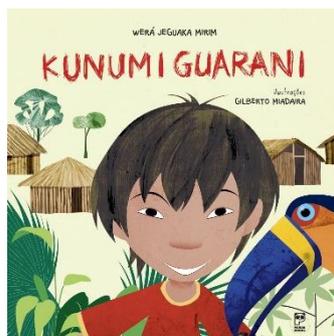
Fonte: <https://afaconta.com.br/7-livros-infantis-para-conhecer-melhor-os-povos-indigenas/>

2) Conhecimento específico: Quem são os povos indígenas?

No segundo dia, trabalharemos a leitura conjunta das histórias Kunumi Guarani (Wera Jeguaka Mirim), que retrata aspectos sobre a identidade de um menino

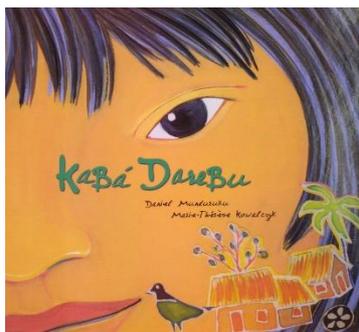
indígena, possibilitando que as crianças percebam como é ser criança indígena, associem as suas realidades, percebam as diferenças e o dia a dia de uma criança indígena. Além dessa, será lido também livro Kabá Derebu (Daniel Munduruku), que dialoga com as ideias do primeiro livro, ampliando ainda mais a discussão e mostrando duas realidades diferentes de crianças indígenas.

Ilustração (2): Livro Kunumi Guarani



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Kunumi-Guarani-Wera-Jeguaka-Mirim/dp/8578883551>

Ilustração (3): Livro Kabá Derebu

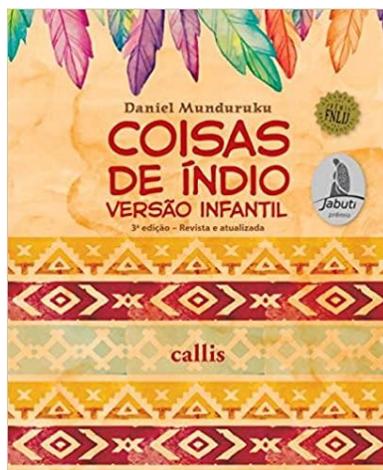


Fonte: <https://www.amazon.com.br/Kab%C3%A1-Derebu-Daniel-Munduruku/dp/8574120863>

3) Despedida: Minha história são nossas histórias.

No último dia, os alunos serão convidados a ouvirem a história Coisa de índio: versão infantil (Daniel Munduruku) irão ver sobre a narração do autor sobre seu povo. Ao final da história eles serão questionados sobre sua história e o que há semelhante e diferente dos povos indígenas.

Ilustração (4): Livro coisa de índio



Fonte: https://www.amazon.com.br/Coisas-%C3%8Dndio-Infantil-Daniel-Munduruku/dp/8545400756/ref=asc_df_8545400756/?tag=googleshop815182245092&psc=1

OFICINA 2

A segunda oficina dará continuidade às discussões anteriores e apresentará as principais temáticas discutidas nos livros de literatura indígena: cuidado da natureza e preservação, mitos e lendas, a ancestralidade presente nas histórias e lutas para o bem da humanidade e seres vivos. A presente oficina parte dos mesmos objetivos da primeira e continua suas discussões.

Metodologia

A presente oficina se dividirá em três momentos intitulados a seguir: acolhimento, momento no qual as crianças irão apresentar suas principais opiniões e saberes sobre a temática; Conhecimento específico, nesse momento as crianças serão convidadas a trabalhar a temática e serão apresentadas as literaturas indígenas; Despedida, momento de socialização e discussão dos novos saberes e mudanças de percepções.

1) Acolhimento: Minhas palavras tem origens.

Neste primeiro momento os alunos serão convidados a sentarem em roda e será entregue papel e lápis e serão questionados se conhecem palavras de origem indígena. Eles irão escrever e depois socializar com todos. Após esse momento, será contada a história –“Memória das palavras indígenas“ (Luís Donisete Benzi Grupioni). A presente história possibilitará perceber que as

palavras que usa em seu contexto tem origens indígenas. Os alunos serão convidados a aprender outras palavras a partir do aplicativo Nheengaré.

Imagem (5): Livro memória das palavras indígenas

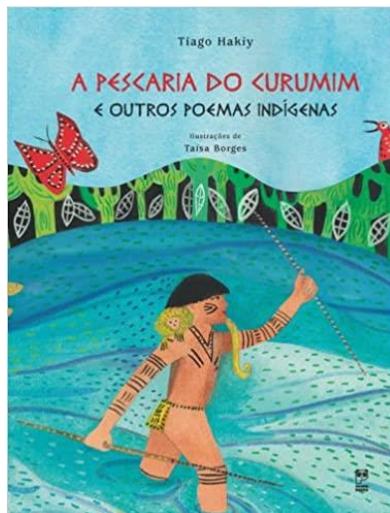


Fonte: <https://fafaconta.com.br/7-livros-infantis-para-conhecer-melhor-os-povos-indigenas/>

2) Conhecimentos específicos: Conhecendo a rotina e histórias dos povos indígenas.

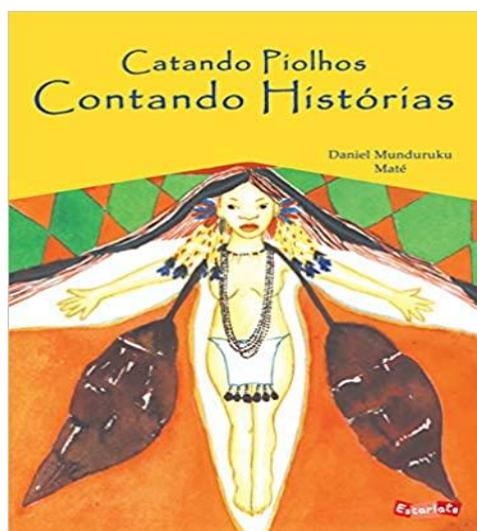
Neste segundo momento, as crianças serão convidadas a montarem grupos e cada grupo escolherá uma história presente no livro “Catando piolhos” (Daniel Munduruku), contando a história ou poderão escolher o livro “ A pescaria do Curumin e outros poemas indígenas” (Tiago Hakiy). Os grupos contarão as histórias para toda a sala e apontarão aspectos que fazem parte da vida dos povos indígenas que são semelhante ou diferentes de seu cotidiano.

Imagem (6): livro a pescaria do curumim



Fonte: amazon.com.br/Pescaria-Curumim-Outros-Poemas-Indigenas/dp/8578883209/ref=asc_df_8578883209/?tag=

Imagem (7) Catando piolhos e contando história



Fonte: <https://www.amazon.com.br/Catando-Piolhos-Contando-Hist%C3%B3rias-Munduruku/dp/8566357566>

- 3) Despedida: Neste último momento, a turma construirá um livro conjunto onde desenharão e relatarão o que aprenderam sobre os povos indígenas a partir dos livros de literatura indígena. O livro será socializado para toda escola como forma de levar essa discussão para outras turmas e comunidade.

Ao refletirmos sobre quais as contribuições da inserção de livros que representem a literatura indígena em sala de aula, a presente oficina oportunizará que as crianças reflitam sobre as identidades diferentes presentes nas figuras dos indígenas, observando características físicas como roupas, traços e culturais, como

as divisões famílias, as funções das crianças e a realidade vivida em diferentes contextos indígenas. Conforme o esperado ao trabalhar os livros Kurumi Guarani e Kaba Derebu. Assim, será possível que as crianças vejam semelhanças e diferenças entre si e sua cultura com a dos povos indígenas, permitindo um olhar que não parta de preconceitos.

Os autores Danner, Danner e Dorrico (2021) mostram que as produções indígenas estimulam um diálogo permanente entre povos indígenas e não indígenas, diálogo esse necessário, pois vemos a necessidade de igualdade entre os povos, assim como consciência histórica e cultural das contribuições indígenas.

Quando refletimos sobre as mudanças que podem ocorrer após o acesso a esses livros, é possível destacar que essa literatura surge com o objetivo de romper com visões caricatas, racistas e preconceituosas sobre os povos indígenas, visões que foram estabelecidas no período colonial e que até hoje perpetuam, é possível isso ao trabalharmos com o livro “Coisa de Índio” de Daniel Muduruku, pois possibilita ao leitor que surjam visões partindo da perspectiva dos próprios indígenas sobre sua cultura e identidade.

Assim, a literatura indígena integra uma grande ferramenta de ruptura a velhos paradigmas que se apropriam da modernidade para continuarem se reproduzindo de outras formas. A criança ou adulto ao ter um livro que represente povos e etnias indígenas a partir de um olhar autobiográfico, ajudará a ter uma consciência real sobre essa população, pois a representação dentro do livro assim, como a linguagem parte de uma realidade, desconectada de estereótipos.

Nos livros Kunumi Guarani e Kaba Derebu, vemos a possibilidade de mostrar a diversidade da representação da figura do indígena, possibilitando verem traços de povos tradicionais e de povos que têm um maior contato com culturas que também estão presentes fora da aldeia, mostrando que há um diversidade de povos indígenas. Dialogando com isso, Danner, Danner e Dorrico (2021) apontam que essa literatura permite construir um novo modelo de indígena que represente a riqueza étnica e cultural existente, assim como as diversas vivências tidas por cada povo. Portanto, é perceptível que as visões de alunos e professores sejam ampliadas, permitindo que reflitam sobre a figura dos povos indígenas na sociedade Brasileira.

Sabemos que o acesso a esse material literário exige não somente um tempo do professor, que muitas vezes não ocorre ao estar inserido na educação brasileira, como também de pesquisa, pois exige que cada leitura tenha um objetivo de levar o aluno até um olhar crítico sobre o que se está lendo. As leituras propostas para o trabalho estão disponíveis principalmente para a compra dos professores, uma vez que seu acesso quase não ocorre no ambiente escolar. Assim, como possíveis dificuldades para o acesso e discussão, vemos que a possibilidade desse material exigirá do professor que realize a compra dos livros.

A autora Canizares (2019) mostra também que uma das dificuldades para discussão dessa literatura em sala de aula é ainda os preconceitos enlojados nos professores, sendo necessário que busquem novas formações e novos olhares sobre os povos indígenas, para atuarem em uma educação que seja contra qualquer forma de preconceito. Além disso, apontamos para a importância dos professores serem leitores de literaturas infantis para as crianças, possibilitando que explorem os livros ao inserirem eles em sala de aula.

Sobre as contribuições da inserção em sala de aula da literatura infantil indígena para promoção de uma educação decolonial, é possível perceber através dos livros propostos na oficina 2, “Memórias das palavras indígenas”, “A pescaria do Curumim” e “Catando piolhos e contando histórias” uma ruptura com a construção das histórias coloniais que são repassadas através das gerações, visões reproduzidas desde o período colonial. É possível através dos livros, discutir sobre ancestralidade e sobre uma história de luta e resistência sobre a população indígena no Brasil, possibilitando que os alunos percebam que a história de nosso país não tem como ser contada sem os povos indígenas.

Através do acesso a essa literatura, as crianças farão rupturas com as perspectivas coloniais sobre sua história, identidade e cultura, fazendo que reflitam. Nesse sentido, a literatura indígena permite a desconstrução da perspectiva colonial do indígena como ser do passado, sem presente e sem perspectiva de futuro. Essas literaturas permitem novas perspectivas dos povos indígenas como sendo mediadores de tradições e saberes, algo necessário para sociedade atual.

4. Considerações finais

Ao decorrer do presente trabalho, nosso estudo partiu do objetivo investigar contribuições da utilização de práticas pedagógicas que utilizem a literatura indígena nas leituras em sala de aula, para promoção de uma educação decolonial. É perceptível que a inserção da literatura indígena promove diversas contribuições para povos indígenas e não indígenas pois: promover o diálogo entre perspectivas, aproxima os povos indígenas, dos não indígenas, permite que valorizemos a história, cultura, saberes e memória presente na história constituída pelos povos indígenas no Brasil, estimule a ruptura com preconceitos existentes e constituídos no período colonial.

Direcionado a esse objetivo, sugeriu-se como proposta para professores, uma oficina que possa possibilitar o primeiro contato dos alunos com as novas perspectivas trazidas pela literatura indígena, por percebermos que a literatura indígena é uma forma de superação de preconceitos e das desigualdades.

A promoção de uma educação decolonial se faz como necessidade no cenário brasileiro, onde perspectivas de modernidade foram e ainda são utilizadas como formas de subalternizar e exterminar povos indígenas e negros em nosso país. Nossa educação ainda parte de perspectivas que nos afastam de nossa história e do reconhecimento identitário. É notório que somente inserir livros em sala de aula que tragam novas perspectivas dos povos indígenas não é a solução para uma sociedade que desumanizou durante mais de 500 anos os povos indígenas, no entanto, é um primeiro passo para novas percepções de mundo.

O presente trabalho promove novos questionamentos no que envolve o ensino da literatura no contexto escolar. Sabemos que a chegada das literaturas indígenas no ambiente escolar, apesar de estar prevista por lei, ainda esbara em muitas dificuldades, e tê-la como ferramenta de uma educação decolonial exige educadores comprometidos por uma sociedade justa, cremos que é possível.

REFERENCIAS

ABREU, Ângela Maria Teixeira de. **Literatura infantil**: leitura e prazer no contexto da biblioteca pública. Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2005.

ALMEIDA, Clara. **Literatura indígena brasileira**: origens, desenvolvimento e importância. Publicado em: 03/07/2019. Acesso em: 22/03/2023 Disponível em:

<https://www.multirio.rj.gov.br/index.php/reportagens/15026-literatura-ind%C3%ADgena-brasileira-origens,-desenvolvimento-e-import%C3%A2ncia> >

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018.

Canizares, Kathia Alexandra Lara. **Travessia pela literatura de autoria indígena**: uma forma de recepção / Kathia Alexandra Lara Canizares ; Orientação: Rosa Maria Manzoni. - Bauru : UNESP, 2019 54 p. : il., fotos

CANIZARES, Kathia Alexandra Lara. **Semitização do conteúdo da literatura indígena na dissertação argumentativa de vestibular**. Bauru, 2019.

DANNER, Fernando. DANNER, Fernando. DORRICO, Julie. **Educação, Memória e Resistência na Literatura Indígena Brasileira Contemporânea**. Espaço Ameríndio, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 229, 2021. DOI: 10.22456/1982-6524.116641. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/index.php/EspacoAmerindio/article/view/116641>. Acesso em: 22 jul. 2022.

DIEL, Vitor. **Panorama da literatura indígena brasileira**: entrevista com Julie Dorrico. Publicado em: 01/07/2019. Acesso em: Disponível em <https://literaturars.com.br/2019/07/01/panorama-da-literatura-indigena-brasileira-entrevista-com-julie-dorrico/>

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. São Paulo, Cortez, 2001.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1987.

GUIACOMO, Fred Di. **Breve História da literatura indígena contemporânea**: pioneiros. Publicado em: 23/07/2020. Acesso em: 22/03/2023. Disponível em: <https://www.uol.com.br/ecoa/colunas/arte-fora-dos-centros/2020/07/23/breve-historia-da-literatura-indigena-contemporanea-pioneiros.htm>

LOPES, Paula Cristina. **Literatura e Linguagem Literária**. Lisboa: 2010. Disponível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/bocc-lopes-literatura.pdf> Acesso em: 16/07/2022

NETO, João Colares. **Educação popular e pensamento decolonial latino-americano em Paulo Freire e Orlando Fals Borda**. Tese de Doutorado, Belém: 2015.

PAULA, Simone C. de; CALDERONI, Valéria A. M. O. **Literatura indígena: possibilidades de uma prática política pedagógica intercultural.** In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIRETOS HUMANOS. 2016, Mato Grosso do Sul. Anais [...]. Mato Grosso do Sul, 2016.

SANTOS, Francisco Bezerra dos. **Leitura da Literatura Indígena na Sala de Aula: contribuições para o ensino.** Revista Científica da FASETE. 2017.

SILVA, Aline Luiza. **Trajetória da literatura infantil: Da origem histórica e do conceito mercadológico do caráter pedagógico na atualidade.** Revista eletrônica de graduação. V.2, 2009.

WALSH, Catherine. **Pedagogias Decoloniales: Practicas insurgentes de resistir, (re) existir y (re) vivir.** Quito Ecuador: Abya- Yala, 2013.